A ALTERIDADE E REPRESENTATIVIDADE NA SALA DE AULA POR MEIO DA LITERATURA LGBTQIA+

Otherness and representation in the classroom through LGBTQIA+ literature

Carolina Anastácia de Souza Pedrosa

Graduanda do curso de Letras Português – Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mostrar a importância da alteridade e da representatividade LGBTQIA+ na sala de aula através da análise do romance *Controle* (2019), de Natalia Borges Polezzo. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica, apontando as problemáticas que envolvem o silenciamento de certas literaturas, articuladas com teóricos como Bento (2008), Louro (2012, 2020), Hall (2006), Dalcastagné (2005, 2012), Candido (1999) e etc. Propomos a inclusão da literatura LGBTQIA+ em sala de aula, ancorado no que consta na BNCC (2018). A partir da análise do romance, será discutido como o trabalho com a literatura LGBTQIA+ dentro de sala de aula tem relevância quanto à representatividade e o reconhecimento de si e do outro, confirmando que ler e pensar essas narrativas são importantes para o enfrentamento do preconceito e intolerância.

Palavras-chave: Literatura LGBTQIA+. Ensino Médio. Alteridade.

ABSTRACT

This article aims to show the importance of otherness and representativeness in the classroom through the analysis of the novel *Controle* (2019), by Natalia Borges Polezzo. For this, a literature review will be conducted, pointing out the problems that involve the silencing process of some literatures, articulated with theorists such as Bento (2008), Louro (2012, 2020), Hall (2006), Dalcastagné (2005, 2012), Candido (1999) and etc. We suggest the inclusion of LGBTQIA+ literature in the classroom, anchored by what is in the BNCC (2018). From the analysis of the novel, it will be discussed how the work with LGBTQIA+ literature in the classroom has relevance regarding the representation and recognition of the self and the other, confirming that reading and thinking about these narratives are important to confront prejudice and intolerance.

Key words: LGBTQIA+ Literature. High School. Otherness.

1 INTRODUÇÃO

As salas de aula das escolas básicas são espaços plurais, pois nelas encontramos alunos e professores inseridos em contextos diversos, com experiências de vida diversas. Dessa forma, o trabalho dentro delas também precisa ser pautado pela diversidade e multiculturalidade, assim como é proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p.489). Frente a isso, a Literatura toma um papel importante no reconhecimento de si e do outro dentro de uma representação artística, sendo, portanto, promotora dessa diversidade.

A literatura LGBTQIA+ segue sendo silenciada dentro e fora da sala de aula, pouco se falando e se discutindo sobre autores ou narrativas com personagens LGBTQIA+ e o ensino de literatura continua, em boa medida, sendo guiado pelo estudo de características das escolas literárias. Além disso, é preciso considerar os dados de pesquisa que Regina Dalcastagné (2012) traz em seu livro *Literatura brasileira contemporânea - um território contestado* em que aponta o privilégio da representação de um espaço social restrito dentro da literatura contemporânea brasileira. Espaço esse que é permeado, em sua maioria, por personagens brancas, heterossexuais, do sexo masculino e de classe média.

O sistema de ensino, também através da literatura, apresenta ao aluno a sociedade e as relações humanas, sendo assim, aquilo que é expresso na representação é comprovado no ambiente escolar, logo, é natural que o aluno procure se reconhecer nas obras estudadas. Dessa forma, quando pensamos no trabalho com a literatura LGBTQIA+ dentro de sala de aula, pensamos na “promessa de pluralidade” do romance, como coloca Dalcastagné (2005), nesse reconhecimento de si e do outro, atuando ativamente contra um silenciamento diário e constante dos corpos LGBTQIA+ dentro da sala de aula.

Um romance contemporâneo que centra sua atenção nesses corpos é *Controle* (2019), de Natalia Borges Polesso, no qual observamos a vida de Maria Fernanda, uma garota que se percebe desconforme com a sociedade desde cedo: é diagnosticada com epilepsia e passa sua adolescência desejando, e se apaixonando por sua melhor amiga. A trajetória da protagonista passa pelo isolamento, solidão, descoberta do corpo - tanto seu como o corpo observado da amiga, o desejo, a paixão e termina no momento trágico de um acidente, no momento em que ela finalmente estava recobrando o controle de sua vida. O olhar do outro percorre toda a narrativa e dita a maneira como Nanda vai se enxergar diante da sua enfermidade e dos desejos que sente.

Partindo dessa leitura, e da valorização de narrativas como a de *Controle*, bem como da necessidade de representatividade dentro de sala de aula, fui motivada à escolha do tema. Durante a graduação, nas disciplinas de Estágio Supervisionado, foi possível observar as vivências diversas dentro de sala de aula e o trabalho do professor da escola básica, e a partir disso surgiu um incômodo quanto à percepção de como o ensino de literatura era voltado apenas para uma memorização de características das escolas literárias e de como as obras trabalhadas não saiam do círculo dos autores considerados canônicos.

A partir do incômodo, veio a indagação: porque a literatura LGBTQIA+ não é trabalhada em sala de aula, visto que a BNCC (2018), em seu texto, aponta a importância de pensar no ensino contextualizado e trabalhar para o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade dentro da sala de aula? E, antes disso, é preciso também questionar: porque algumas literaturas são silenciadas em sala de aula?

Segundo Dalcastagné (2012),

A definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão. São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão. Essas vozes que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. (DALCASTAGNÉ, 2012, p.11)

O silenciamento de algumas literaturas vem da sua deslegitimação diante do entendimento, estabelecido pela crítica, pela academia e referendado pelo público, do

que é literário ou não. Além disso, as autorias e personagens LGBTQIA+ são vozes que falam de um lugar diferente e que incomodam por expressar visões de pessoas que se encontram à margem da nossa sociedade.

Dessa forma, é possível perceber o jogo político por detrás das escolhas do que é ou não importante de ser lido, estudado ou trabalhado dentro de uma sala de aula do ensino básico.

A BNCC (2018), como um documento de caráter normativo que vai definir um conjunto de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica, traz em todo seu texto uma perspectiva de ensino que permita ao aluno ter contato, reconhecer e valorizar a diversidade. Assim, falando mais especificamente do campo artístico-literário, o documento pontua que o objetivo é propiciar o contato do aluno com toda e qualquer manifestação artística e cultural por meio “da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade.” (BNCC, 2018, p.157)

Freire (1990) comenta que:

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros - não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular - o direito de dizer a sua palavra.

Logo, tanto é prevista no documento normativo a relevância do trabalho com as várias literaturas como esse trabalho também nos leva ao reconhecimento do direito dos outros de dizer sua palavra.

Assim, cabe à escola a preocupação com uma formação de qualidade baseada em um ambiente de respeito e que valorize o encontro do aluno com outras vivências através da literatura, permitindo o reconhecimento de si e do outro e a fruição de obras contemporâneas, contribuindo, assim, para a atuação sócio-política desse indivíduo.

Diante do exposto, esse artigo tem o objetivo de mostrar a importância da alteridade e da representatividade de grupos silenciados através da análise da obra *Controle*, de Natália Borges Polesso, pensando o reconhecimento de si e do outro através da literatura LGBTQIA+ e, assim, contribuir para que a sala de aula seja um espaço que não só valorize a diversidade, mas que reconheça a relevância dessas narrativas.

Para isso, parte-se de uma explanação sobre a importância da representatividade dentro de sala de aula a partir do trabalho com a literatura LGBTQIA+, para, por fim, discutir conceitos de alteridade e representatividade através da obra supracitada, mostrando, assim, como eles são importantes para a prática pedagógica e formação sócio-política do aluno.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Falar e refletir sobre as desigualdades, sobre indivíduos outros, colocados na posição de “minorias” que lutam por direitos e por serem reconhecidos dentro da sociedade, escancara como nosso sistema social e político é falho. A literatura LGBTQIA+ não é tema recente, mas continua sendo alvo de silenciamento e colocada numa posição “marginal”.

Segundo Malta, Flexor, Costa (2020, p.3), “refletir sobre as relações que são tecidas entre livro e literatura é, antes, reconhecer as dimensões de poder contidas

no saber e, sobretudo, o aspecto político implícito nas práticas da leitura.” Sendo assim, quando se pensa no trabalho com a literatura LGBTQIA+ dentro de sala de aula, não se pode deixar de lado o “aspecto político implícito” nessas práticas pedagógicas. O ato de ler e de pensar essas narrativas em sala de aula é fundamental para o enfrentamento dos silenciamentos ditados socialmente, seja às histórias contidas nos livros, seja aos autores que as escrevem.

A literatura LGBTQIA+ luta por reconhecimento e valorização por muito tempo, sendo que muitos autores tiveram suas obras censuradas em alguns momentos da nossa história. Uma delas é Cassandra Rios, considerada a autora mais perseguida durante a ditadura militar, que foi também uma das mais lidas no Brasil, mas que dificilmente, hoje, tem seu nome incluído em listas de clássicos da literatura.

Ademais, além de lutar para sobreviver, a literatura LGBTQIA+ ainda precisa lutar por legitimidade, como coloca Dalcastagné (2012)

Não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão, incorporado no ornamento legal de todos os países ocidentais -, mas da possibilidade “de falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido. (DALCASTAGNÉ, 2012, p.19)

O trabalho com a literatura LGBTQIA+ na sala de aula carrega uma possibilidade de reconhecimento e representatividade, pois nessas narrativas se privilegia a pluralidade dos corpos. Corpos esses que se encontram em sala de aula, seja o do professor que vai escolher esses textos, ou o do alunado que vai poder ter contato com essas obras. Louro (2020) aponta que:

Ao colocar em discussão as formas como o “outro” é constituído, [uma pedagogia e um currículo queer] levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. (LOURO, 2020, p.45)

Assim, o contato dos alunos com a literatura LGBTQIA+ estreita as relações entre o eu e o outro, conseqüentemente, promove um entendimento maior das diferenças e um sentimento de pertencimento das diversas identidades a esse espaço da sala de aula.

Sobre isso, Vasconcellos e Caetano (2014) afirmam que o

sentimento de pertencimento é a base da integração dos sujeitos dentro de espaços coletivos, como a escola. Portanto a construção da identidade social estará ligada à valorização do sentimento de pertencimento desenvolvido a partir das diferentes condições sociais, culturais, emocionais, físicas e étnicas desses sujeitos [...], fazendo com que se possibilite a eles buscarem um lugar exclusivo neste mesmo espaço coletivo, para se diferenciarem e se tornarem singulares. (VASCONCELLOS; CAETANO, 2014, p.4)

Dessa forma, a literatura e sua potencialidade formadora se colocam em posição de suma importância para a formação social e política desses alunos. Essa potencialidade vai além das referências às escolas e formas literárias:

A literatura pode *formar*, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para

reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1999, p. 84)

Candido (1999) esclarece que a literatura pode formar, mas não como um reforço de uma concepção de vida, ela vai além, impacta e educa como a própria vida.

Além disso, quando a BNCC (2018) prevê em seu texto a valorização da diversidade e multiculturalidade dentro de sala de aula, ela aponta a necessidade de reconhecer a existência das vivências diversas, dos corpos diversos, justificando assim, a importância do trabalho com a literatura LGBTQIA+ no ambiente escolar. Dessa forma, o papel da escola é permitir o contato com essas obras, possibilitando a valorização dessas narrativas, desses corpos, evitando assim uma intensificação de um processo de exclusão desses alunos, como aponta Bento (2008):

[...] não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão. (BENTO, 2008, p.129)

A autora levanta uma questão pertinente sobre o ambiente escolar: a invisibilidade dos alunos LGBTQIA+ dentro de sala de aula é um reflexo direto do silenciamento desses corpos. Pensando nisso, a literatura é um veículo que pode promover o espaço para a reflexão sobre as diferenças e o reconhecimento dessas vivências.

Por fim, a importância de se pensar a literatura LGBTQIA+ dentro do ambiente escolar vai além de contemplar a diversidade, “em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam.” (LOURO, 2020, p.45)

3 METODOLOGIA

O presente artigo será desenvolvido de forma a apontar, através de uma revisão bibliográfica, as problemáticas que envolvem o silenciamento de algumas literaturas, mais especificamente a literatura LGBTQIA+, passando pela inclusão dessa literatura dentro de sala de aula e observando o que consta nos documentos normativos que regem a prática pedagógica no nosso país. Além disso, a trajetória empírica se desenhará a partir da análise da obra *Controle*, da autora Natalia Borges Polesso, com o propósito de observar como o trabalho com a literatura LGBTQIA+ dentro de sala de aula tem relevância quanto à representatividade e o reconhecimento de si e do outro.

Com isso, o que se propõe é atentar para os mecanismos de silenciamento presentes na nossa sociedade e como repercutem na prática pedagógica.

4 LITERATURA LGBTQIA+: DO SILENCIAMENTO À REPRESENTATIVIDADE DENTRO DA SALA DE AULA

Se quisermos falar sobre a literatura LGBTQIA+ é preciso lembrar que o entendimento que se tem hoje do que é essa comunidade parte de um processo histórico de muita luta por espaço e sobrevivência. Foi na década de 1970 que os movimentos LGBTQIA+ cresceram. Vários grupos surgiram na luta por direitos políticos, sociais e sexuais. Essa luta se intensificou principalmente no fim da década

de 70, quando do surgimento do *SOMOS - Grupo de Afirmação Sexual*, um coletivo pioneiro no debate sobre as vivências homossexuais no país e, um pouco antes, do jornal mensal *Lampião da Esquina*, que era completamente envolvido nas lutas LGBTQIA+. A partir daí, vários outros grupos surgiram e se espalharam pelo país visando também o reconhecimento de suas identidades.

Essa mobilização já acontecia nos EUA desde o final dos anos 1960, porém,, nesse período, o Brasil vivenciava a ditadura militar, o que retardou a possibilidade de movimentação dos grupos e, acima de tudo, exterminou a vida dos muitos que viviam fora do padrão heteronormativo na época. Sobre isso, Green et al. (2018) afirmam que:

[...] de um lado, questões comportamentais tornaram-se objeto da razão do Estado depois do golpe de 1964 e, sobretudo, após 1968. A sexualidade passou a ser, em certa medida, tema pertinente à segurança nacional para os militares. Os desejos e afetos entre pessoas do mesmo sexo também foram alvo do peso de um regime autoritário com pretensão de sanear moralmente a sociedade e forjar uma nova subjetividade à imagem e semelhança da família nuclear, monogâmica, patriarcal e heterossexual. (GREEN et al., 2018, p.10)

Desde então, as movimentações, os grupos e os coletivos só aumentaram e intensificaram suas lutas políticas, sociais e pelo reconhecimento de suas vivências. E, como era natural, a comunidade se expandiu. As identidades são múltiplas e diversas, as manifestações cresceram e a literatura LGBTQIA+ acompanha tal crescimento, com uma diversidade de narrativas, de corpos sendo representados dentro dos livros e de autores.

O silenciamento dessas narrativas sempre existiu. Quando pensamos em autoras como Cassandra Rios, mencionada anteriormente, e que foi censurada radicalmente durante a ditadura militar por escrever principalmente sobre homossexualidade feminina e erotismo, entendemos que essa censura descreve uma política de “moral e bons costumes” a que os livros de Cassandra não atendiam. Assim, esse silenciamento é reflexo do entendimento de que a homossexualidade é algo proibido e que deve ser erradicado.

Dos anos 70 para os dias de hoje, o que se segue são reflexos da legitimação da heteronormatividade como padrão a ser seguido. Para a psicanalista Britzman (1996),

para um número significativo de heterossexuais que imaginam sua identidade sexual como "normal" e "natural", existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. (BRITZMAN, 1996, p.79)

Assim, esse argumento aponta que o mero contato com obras LGBTQIA+ viriam a incentivar práticas homossexuais, reforçando a ideia de que a heterossexualidade é considerada como algo natural e a homossexualidade figura como desviante.

Quando partimos para um contexto escolar, as obras LGBTQIA+ são, na maioria das vezes, deixadas fora da sala de aula. Um dos grandes argumentos para isso é a invalidação dessa literatura, Dalcastagné (2012, p.233) comenta que isso faz com que prevaleça a mesma regra existente na política, na qual “a um grupo dominado resta apenas a opção de calar ou ser falado [por outros].” (MIGUEL, 2003, p.134 apud DALCASTAGNÉ, 2012, p.233)

Assim, o que se propõe com a literatura LGBTQIA+ dentro das salas de aula é, não só a legitimação estética dessas obras, como também o reconhecimento de narrativas outras que vão representar os corpos diversos presentes nesse ambiente.

Além disso, é importante pensar em uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento. Existe uma autorização sobre o que se deve conhecer, como deve ser conhecido e de que forma devem chegar ao conhecimento. Entretanto, indo contra esse movimento, é possível enxergar as minorias se firmando e se autorizando a falar sobre sexualidade, gênero e cultura. Assim como comenta Louro (2012):

Novas questões são colocadas a partir de suas experiências, de suas histórias e suas práticas; noções consagradas de ética e de estética são perturbadas. Áreas e temáticas consideradas, até então, pouco dignas de ocupar o espaço e o tempo dos sérios acadêmicos passam a ser objeto de centros universitários e núcleos de pesquisa. Sobre o mundo do privado e do doméstico; sobre as muitas formas de viver o feminino e o masculino, a família, as relações amorosas, a maternidade e a paternidade; sobre o erotismo e o prazer, sobre a pornografia e as perversões fazem-se teses, escrevem-se livros, realizam-se seminários e cursos. (LOURO, 2012, p.365)

Com isso, se faz necessário pensar em como trazer saberes outros para sala de aula. Pois, se de um lado a literatura LGBTQIA+ privilegia a alteridade e corpos outros que fogem ao binarismo sobre o qual apoiam-se os saberes e a cultura dominantes, a escola adota a reprodução de normas vigentes numa sociedade heteronormativa.

Dessa forma, pensando na importância da literatura como meio humanizador, como comenta Candido (1989, p.85), pois ela “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”, propõe-se o trabalho com obras LGBTQIA+ dentro de sala de aula representando “[...] o questionamento e a crítica desconstrutiva das normas, da lógica e dos arranjos sociais vigentes.” (LOURO, 2012, p.367)

5 ALTERIDADE NA OBRA *CONTROLE*, DE NATALIA BORGES POLESSO

No romance *Controle* (2019), de Natalia Borges Polesso, acompanhamos a trajetória de Maria Fernanda, garota de Campo Bom, interior do Rio Grande do Sul, desde sua infância, quando Nanda era uma criança cheia de vontades, desejos e gostava de estar sempre à frente dos seus amigos; até seus quase 35 anos, sendo uma jovem adulta que enfrenta a angústia e solidão de ser quem se é. Diagnosticada com epilepsia aos 14 anos, Nanda observa as relações com seus pais e amigos mudarem por completo a partir desse fato. Assim, esconde-se por detrás dos fones de ouvido, das músicas do *New Order* e *Joy Division* e assiste sua vida passar na solidão do seu quarto. O livro é dividido em capítulos e cada um deles é nomeado por uma música ou álbum da mesma banda e, a partir daí, já é possível perceber a conexão da música com a protagonista.

A história é narrada em primeira pessoa pela própria protagonista e além de adentrarmos no mundo de Nanda, suas impressões sobre a vida, descontentamentos e questionamentos sobre si e a epilepsia, existe algo mais que a faz se perceber diferente. No decorrer do livro percebemos o amor e o desejo que a protagonista sente por Joana, uma de suas melhores amigas, crescendo durante os anos.

Assim, o livro nos leva às percepções de como Nanda vive essas duas desconformidades com a sociedade: a enfermidade e, ao mesmo tempo, o desejo por uma mulher. Enquanto a epilepsia aparece como uma limitação, uma sentença do

encurtamento de sua vida, Nanda percebe que quer viver, que sente desejo, que sente por outra mulher tudo aquilo que o diagnóstico da epilepsia parecia lhe negar: a vontade de viver, de sentir e de amar.

O romance começa e termina com o mesmo acidente que a jovem adulta Maria Fernanda sofre quando está correndo de bicicleta pelas ruas de São Paulo, a caminho da casa de Joana para lhe dizer que está apaixonada por ela. Essa queda acontece exatamente no momento em que a protagonista parece recobrar o ‘Controle’ da própria vida. No primeiro capítulo, intitulado “Desordem”, a protagonista relata uma sucessão de fatos meio desordenados e é só no decorrer da leitura que compreendemos a situação de queda e de finitude. Já no último capítulo, conseguimos entender melhor de que forma o acidente aconteceu.

A partir do terceiro capítulo, acompanhamos uma “criança exemplar” (POLESSO, 2019, p.23). Nanda era uma garota sociável, tinha amigos e era bem ativa. Após uma queda de bicicleta, tudo começa a mudar em sua vida. Ignorando o acontecido, Nanda vai à um concerto antes combinado com a mãe, mesmo com vários machucados pela perna, braço e cabeça. Assim, ao passar mal subitamente durante o concerto, sua mãe a leva para o hospital e volta com a recomendação de que não a deixe dormir pois precisava ficar em observação. É a partir daí que as crises epiléticas começam.

Ao ser diagnosticada, Nanda sente sua vida ser controlada de diversas formas, primeiro pelos pais, que sem saber como lidar com a enfermidade da filha restringem cada vez mais sua vida e, assim, seu quarto passa a ser seu mundo durante toda sua adolescência. Segundo, pela própria epilepsia que surge com convulsões a qualquer momento, inclusive com alguns episódios acontecendo em sala de aula. Dessa forma, Nanda tenta se familiarizar com a epilepsia e quando recebe um folheto do médico explicando o que é, o cola na parede do seu quarto:

Colei porque precisava me lembrar de que não era culpa minha e de que eu teria que viver com aquilo por tempo indeterminado, como o médico disse, fazendo aspas com os dedos em “indeterminado”. **Não viver bem. Viver de bem. Era uma escolha.** A epilepsia tinha vindo do nada. (POLESSO, 2019, p.47, grifo nosso)

As indagações de Fernanda sobre a epilepsia por vezes se confundem com o desejo que ela sente pela amiga Joana. A vontade de “viver de bem” e entender que “era uma escolha” passa pelo convívio com a epilepsia e com o sentimento de desejo pelo corpo semelhante.

Diante do isolamento forçado à qual Nanda é submetida, além de se distanciar da sala de aula, ela acaba demorando para acabar o ensino médio e deixando de ir às excursões pois ninguém queria ficar perto da “mina do tremelico”, como ficou sendo conhecida (POLESSO, 2019, p.44). Assim, os amigos que ainda lhe restam são Davi e Joana, que insistentemente continuam tentando manter contato com ela.

E, dessa forma, como uma fuga daquilo que ela não tem controle, Nanda se vê presa à sua própria solidão:

Eu fugi. Fugi daquilo tudo, da cena, das outras fotos e viagens que vieram. Mas foi porque eu não me sentia parte. Não tinha fotos de viagens, não tinha fotos de idas ao parque, às cascatas, às piscinas, às fazendas, ao estádio de futebol. [...] Não fui à excursão da oitava série, não tenho fotos das seguintes, em Florianópolis, Garopaba, Camboriú, na ilha do Mel. Não sei para onde foram. Meus pais ficaram com medo de me deixar ir, os professores também, meus colegas, que não eram meus amigos porque eu tinha perdido o ano,

também não queriam a “mina do tremelico” estragando a viagem deles. Eu nem tinha mais tantas crises. [...] Isso ficou tão gravado no que sou, que até hoje sinto nojo da escola, das pessoas da escola. Digo “as pessoas da escola” e tremo. Não sei se é medo ou nojo ou um cansaço infinito. (POLESSO, 2019, p.65-66).

Joana era praticamente a única amiga que a visitava em casa, que tentava sempre animá-la e, em diversas passagens do livro, é possível observar como, apesar da estagnação que a epilepsia e o isolamento lhe causavam, a protagonista sabia que o desejo pelo corpo de sua amiga existia e lhe impulsionava a agir:

A Joana foi ficando sonolenta, desmanchando a cara, chegando mais perto de mim *without you they'll never know without you my life won't grow without you they'll never show without you the night won't go without you I'm left alone show without on my own without you my life's a waste* a respiração pesando, o hálito da Joana embaçando minhas vontades. Ela grudou a testa no meu pescoço e ajeitou o queixo no meu ombro. Eu deixei minha mão escorregar até a barriga dela. Apertei os lábios. Mexi meus dedos bem devagar, entrando por baixo da blusa do pijama só um pouco, como se não fosse sério, como se tivesse sido um doce engano. Encontrar a pele quente e macia da Joana na ponta dos meus dedos. Ela se mexeu toda e colou aquela boca enorme no meu pescoço, atrás da minha orelha e, num abrir e fechar de olhos mais lento, já estava sobre a minha bochecha, quase na boca. Aproximei minhas pernas às dela, ela respirando mais pesado. Apertou a mão sobre o meu peito. Gelei. (POLESSO, 2019, p.76)

Essa passagem é uma das muitas em que podemos encontrar trechos das músicas do *New Order* no meio da narrativa, sendo que essa relação de Nanda com a música se mostra como uma maneira de conviver com o tédio e a vida resumida às quatro paredes de sua casa e, muitas vezes, nos remete àquilo que Nanda trazia no peito e não conseguia expressar.

A confusão de sentimentos e desejos que Nanda carrega parece se intensificar com o olhar do Outro, esse outro sendo sua família e seus colegas de colégio que só enxergavam uma pessoa enferma, sem domínio de si, sem vontades e desejos. A única que abria a porta para algo além dessa vida de sofrimento era Joana.

É em meio a essa confusão que conseguimos perceber como Nanda enxerga de forma negativa tanto sua enfermidade quanto sua paixão pela Joana: “Eu só queria resolver um problema por vez. A epilepsia - problema número um - e o fato de eu ser completamente apaixonada pela Joana - problema número dois - desde sempre.” (POLESSO, 2019, p.77). Entretanto, é na urgência do movimento, da vontade de sentir esse desejo por completo, que a protagonista finalmente percebe estar “completamente apaixonada” pela melhor amiga.

Assim, quando conhece Antônio, em um chat online, Maria Fernanda começa a perceber como sua vida não acontecia, o tempo estava passando e ela não tinha nada de novo para acrescentar. Nanda permanecia presa, porém com o acesso à internet, agora tinha um contato externo àquilo tudo:

O Antônio me fez pensar na bosta que eu tinha feito da minha vida até então. Porque ele me perguntava coisas ordinárias sobre meu dia e sobre meus gostos, o que eu tinha almoçado e o que eu tinha feito no fim de semana, e muitas vezes eu não tinha nada pra dizer. Também não sabia perguntar. (POLESSO, 2019, p.83)

Antônio era carioca, compartilhava o gosto musical de Nanda e, além disso, também tinha epilepsia. Mas, diferentemente dela, nenhum remédio fazia efeito com ele e depois de muitas crises, seu médico optou pela cirurgia. Assim, mais uma vez, o olhar do Outro atua na visão da protagonista sobre sua própria vida. Nanda começa a pesquisar sobre a tal cirurgia e com os relatos que encontra percebe como a urgência de viver algo diferente lhe aponta para um vazio que existe nela, uma falta, que ela mesma nomeia como uma condição “deprimida”:

Um caso me chamou a atenção. Um homem contava que para ele a cirurgia não poderia ser indicada porque o ponto no cérebro que causava descargas, ou algo assim, era uma ausência. Uma falta. Uma falha. Fiquei pensando nesse vácuo dentro de mim. Um nada que crescia e me deixava com medo. Colei os olhos na parede. Caí no meu imenso vazio. Como eu poderia preencher a minha existência? Estava ficando cada vez mais deprimida. Foi a primeira vez que me atribuí a palavra: “deprimida”. (POLESSO, 2019, p.88)

Sobre esse Outro, essa alteridade que perpassa toda a obra, Hall (2006) comenta que:

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica - incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. Os sentimentos contraditórios e não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada [...], que são aspectos chave da “formação inconsciente do sujeito” e que deixam o sujeito “dividido”, permanecem com a pessoa por toda a vida. (HALL, 2006, p.37-38)

Dessa forma, é a partir do olhar do Outro que inicialmente assimilamos ou questionamos as coisas. E, apesar de Hall (2006) estar falando de um processo inicial de apreensão dos sistemas de representação simbólica - como cultura, língua e diferenças sexuais -, é esse Outro que faz Nanda questionar a si mesmo sobre sua vida e seus desejos.

Ademais, diante da incessante procura pela cura da epilepsia, a protagonista seguiu conselhos que encontrava online e chegou a parar de tomar seus medicamentos. O resultado foram crises mais fortes de convulsão e mais constantes. Após retornar ao médico e contar sobre o ocorrido, Nanda começa a questionar sua relação com Antônio que passou de amizade de internet para “namoradinho da internet” (POLESSO, 2019, p.101).

Antônio era um namoradinho da internet. Uma amizade de um ano e meio e quase dois anos de namoro. Maria Fernanda se questiona sobre tudo que ouviu ele dizer para ela, sobre procurar um emprego, sobre parar a medicação, reflete sobre ter um status de namoro e nunca ter sequer beijado ou tocado o namorado. Tudo aquilo era demais para ela, Nanda teve uma crise de choro e não sabia o que fazer com Antônio.

[...] não sabia o que fazer com o Antônio, não sabia o que fazer com os remédios, com meus pais, com minhas primas que, recém-saídas da asa da minha tia, tinham mais autonomia que eu. Não sabia que espécie bizarra de controle eu tinha sobre mim mesma que me fazia não viver, não experimentar. Não lembrava de ter chorado daquele jeito nunca na vida. Até ali, naquele ponto da minha vida, aquele choro tinha sido recalcado até o último pedacinho de desejo de saída. (POLESSO, 2019, p.102)

É nesse choro que o romance chega ao seu clímax. A protagonista, nos seus 27 anos de idade, boa parte deles vividos dentro da casa dos pais, sem controle de si, sem compreender como agir diante de tanta vontade de viver, chorava “[...] coisas velhas, chorava proibições construídas, fantasmas, anos perdidos, terras não pisadas, a rapidez do tempo, a ausência do amor.” (POLESSO, 2019, p.103)

Assim, o choro vem como uma catarse, é uma tomada de consciência do que está preso em si, pois quando Nanda pensa em Joana, ela ligeiramente se acalma e deseja que sua amiga também a deseje, e mais ainda, que seja mais corajosa e vocalize tudo isso que ela sente.

Após chorar, Nanda vai até o seu armário, onde havia colado o folheto informativo sobre epilepsia, e com um pincel atômico começa a riscar todas as palavras que amenizam os sintomas da doença, formando frases como: “A epilepsia é uma doença demoníaca. Neurológica. Produto de descargas anormais de células nervosas no nosso cérebro. A epilepsia é uma catástrofe.” (POLESSO, 2019, p.105). Afinal, era a epilepsia que lhe trancava para a vida, era a dor que se confundia com o desejo que sentia pela amiga.

Nesse ponto, Nanda já entendia que estava apaixonada pela sua amiga e o quanto acreditava naquele folheto: “Eu tinha acreditado tanto naquele papel, que minha vida tinha adquirido as dimensões dele. E pior, agora, **trancada num armário**. Finas ironias da vida.” (POLESSO, 2019, p.106, grifo nosso). As ironias à que se refere a protagonista nesse trecho partem do conhecimento dos significados da palavra “armário” dentro do contexto do romance. Aqui, trancado num armário, está o folheto que tanto guiou sua vida com epilepsia e, igualmente trancada num armário, se encontra a personagem que toma consciência do desejo pelo corpo de uma mulher e não sabe como agir a respeito.

É a partir desse momento que a protagonista começa a percorrer o caminho de volta ao controle da sua vida. Primeiro, trata de dar um fim a esse “namorinho da internet” que realmente nunca lhe interessou, depois vai à um médico que conhece a cirurgia que pode cessar ou diminuir as crises epiléticas. Logo depois, Nanda vai contar a Joana sobre a cirurgia e esse é um diálogo que toma conta de 9 páginas do capítulo intitulado *Técnica*. Como um conjunto de procedimentos utilizados para alcançar um resultado, esse capítulo junta as batidas rápidas e enérgicas do quinto álbum de estúdio do *New Order* de mesmo título - *Technique* - com a vontade da protagonista de finalmente se movimentar, querer fazer a cirurgia, querer contar para a amiga que a ama e querer que ela a acompanhe durante a cirurgia.

Assim, em uma conversa cheia de confissões e não confissões, Joana revela que é lésbica, Nanda cala a vontade que tem no peito de explodir e se entregar ao desejo. Nanda também sabia que era lésbica e sabia mais ainda o quanto queria Joana. Porém, as palavras não saem, a epilepsia volta como um impedimento da fala, da escuta, da compreensão de si e dos outros. É na escrita que Nanda confessa, não para Joana, mas para si, toda essa confusão de sentimentos:

Joana, se tu soubesse que eu escrevo, sim, e muito, e que na maioria das vezes eu escrevo para fazer sair esse nó *confusion in her eyes that says it all she's lost control* feito de vontade e medo e de mais vontade e impossibilidade, se tu soubesse *she gave away the secrets of her past and said I've lost control again* se tu soubesse quantas vezes o meu descontrole foi despejado aqui no caderno com letra garranchada e rabiscada por cima, pra esconder, pra fingir que, dentro da minha apatia diária, tava tudo normal. Normal? O que é normalidade? *and she turned around and took me by the hand and said I've lost control again* eu não acredito que todos pensam que meu normal é isso que eu mostro por fora. (POLESSO, 2019, p.122)

É com toda essa energia e vontade de querer se reinserir socialmente que Nanda faz a cirurgia e Joana a acompanha. A partir daí, a protagonista se projeta ao movimento: quer fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para entrar na universidade e, apesar de críticas de familiares pela idade avançada, ela faz a prova, passa e se inscreve no curso de farmácia. Ademais, ela volta a entrar em contato mais constantemente com seus amigos, Davi e Joana, ambos trazendo novidades, o primeiro cada vez mais engajado em movimentos sociais e, a segunda, namorando uma menina chamada Mari.

A vida de Nanda começa a mudar após a cirurgia: as crises epiléticas diminuíram substancialmente, e agora eram os estabilizantes de humor e antidepressivos que agiam no seu corpo.

Parecia susto, mas era a vida. Era sequela ou trejeito novo. Não dava pra saber. Eu me sentia estranhamente leve. Mas era diferente. Não havia ansiedade alguma dentro de mim. A combinação dos remédios estava perfeita.

Aceitação.

Meus fones agora se entupiam de podcasts sobre aceitação, superação, agitação, meditação, constatação, conspiração, manifestação. Tudo dependia do meu estado de espírito *I stand accused of being me I believe in politics I believe in everything I believe this world of ours is giving me adrenaline* eu me vedava com os estabilizantes de humor e antidepressivos. (POLESSO, 2019, p.136-137, grifo nosso)

Assim, a protagonista está em um processo de aceitação que parece seguir por dois caminhos: conviver com a medicação para ansiedade, os antidepressivos e como eles vão influenciar seu comportamento no dia a dia; e a lesbianidade, o amor e desejo por outra mulher.

Quando nos encaminhamos para os últimos capítulos do livro, encontramos uma Nanda em movimento. Pois, aquela estagnação que lhe acometia passava pela epilepsia e o olhar do Outro que regulava sua vida. Entretanto, foi o amor por Joana que lhe permitiu enxergar a si mesma e desejar sair desse lugar mórbido em que se encontrava, assim como comenta Neves (2020):

No romance de Polesso, são a epilepsia e a depressão que caracterizam a estagnação que impede Nanda de experimentar e de se deslocar de seu ambiente familiar. Por outro lado, é a paixão contida de Maria Fernanda por Joana, sua melhor amiga e também lésbica, que permite que a protagonista compreenda a necessidade de dar um passo à frente no que diz respeito a sua vida e ao tratamento da epilepsia e da depressão. Dessa forma, em *Controle*, a realização de ser lésbica e de desejar outra mulher aparece como uma cura, um impulso para o início de uma vida aos 30 anos de idade. (NEVES, 2020, p.2)

Nanda se permite viajar, ir para um festival e ver o *New Order* ao vivo, experimentar e experienciar coisas novas. Porém, seu maior desejo era que Joana não estivesse namorando Mari e que não doesse tanto vê-las juntas: “doeu porque poderia ser eu mas não era. Nunca seria. Porque eu nunca tinha dito nada, sempre mantive as coisas guardadas, bem guardadas [...]” (POLESSO, 2019, p.154)

Enfim, no último capítulo intitulado *Prazeres desconhecidos*, Nanda se deixa levar pelo momento, se permite beijar e ser beijada. Não por Joana, mas por Flávia e Bárbara, mulheres que ela conhece indo para o festival em São Paulo. Todos esses prazeres desconhecidos vêm como avalanche, de uma vez só, e Maria Fernanda

fecha os olhos e se sente parte de tudo. E é com esse sentimento que ela decide contar para Joana que a ama:

[...] diria que o que eu sempre tinha sentido, que não era só epilepsia que me estremecia, que ela também, toda vez que chegava perto, quando me abraçava, quando me confessou coisas, quando dormíamos juntas, quando me olhava cúmplice, quando pegou na minha mão antes de eu entrar na cirurgia. Eu queria dizer um monte de sons sequenciados que mesmo sem palavras fizessem sentido para nós. E depois sentir a boca quente dela sobre a minha. Sem desviar como no dia anterior. Como em todos os dias. (POLESSO, 2019, 170)

Por fim, apesar da vontade, do desejo e do movimento, voltamos para o primeiro capítulo, voltamos para a queda no momento em que a protagonista recupera o controle de si. Assim, quando está a caminho de revelar seu amor, sofre um acidente de bicicleta enquanto corria, em movimento acelerado, como se estivesse na pista de bicicleta que construiu com seu amigo de infância, lá no início, quando na descoberta da epilepsia. Maria Fernanda se choca com um carro e na aterrissagem finalmente verbaliza: “eu quero viver, tenho certeza *here comes love it’s like honey* eu tenho certeza, *you’re not alone anymore you shock me to the core* eu sei *we’re like crystal we break easy* eu quero viver.” (POLESSO, 2019, p.172)

Os questionamentos que o livro traz nos colocam em uma posição de desconforto de duas maneiras: ao adentrarmos na angústia da personagem, primeiro com o diagnóstico da epilepsia logo no início da adolescência e toda a repercussão que isso vai provocar na vida dela; segundo, pela descoberta de si através do desejo que sente pela amiga Joana. Desconforto esse que nos obriga a levantar a cabeça e enxergar o Outro, como coloca Barthes (2015, p.32): “[o texto] produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa.” Assim, essa “outra coisa” a qual Barthes aponta é a existência da alteridade e, principalmente, a necessidade de reconhecimento desse Outro como fator importante da fruição do texto literário.

É possível perceber o romance de Polesso como um *Bildungsroman*, um romance de formação, representando:

[...] a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade, em segundo lugar, também porque ela promove a formação do leitor através dessa representação, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance. (MORGENSTERN, 1988, p.64-66 apud MAAS, 2000, p.1)

carregando, assim, o leitor durante todo o percurso de amadurecimento da protagonista, passando por instabilidades, dificuldades e atingindo o autoconhecimento e autodescobrimento.

Esse olhar do leitor para o Outro, aqui representado por Nanda, uma garota que sofre com a epilepsia e se descobre apaixonada pela melhor amiga, durante todo o processo de formação da protagonista, nos aproxima dela e permite criar conexões e nos reconhecer e reconhecer o outro. E, talvez, essa seja a grande importância da alteridade na obra.

A autora Polesso (2020), em seu texto *Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços*, aponta para a dificuldade de estabelecer identidades outras dentro da nossa sociedade:

Estabelecer identidades não é algo simples quando nos espaços as estruturas da opressão e do privilégio são móveis. Os cruzamentos culturais,

econômicos, raciais, de classe, nos interpelam a todo o momento, por todos os lados, fazendo com que tudo o que tentemos construir seja sempre muito instável; ainda assim, é preciso estar consciente do/no mundo. (POLESSO, 2020, p.2)

O que a literatura faz, acima de tudo, é nos colocar conscientes do/no mundo. Quando adentramos narrativas outras, como a de *Controle*, despertamos para o mundo ao nosso redor, saímos desse Eu e olhamos para o Outro. Assim, a alteridade torna-se elemento indispensável no reconhecimento de identidades diversas.

Por fim, o trabalho com romances como o de Natalia Polesso dentro da sala de aula possibilita observar as fragilidades e ignorâncias sociais de uma escola que desconsidera saberes outros que não estejam vinculados à uma sociedade heteronormativa. Sendo assim, é de suma importância o reconhecimento de corpos diversos dentro dessas narrativas que podem incentivar o alunado a olhar para o outro com respeito e empatia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa almejou-se abordar a importância do trabalho com a literatura LGBTQIA+ na sala de aula, partindo dos preceitos encontrados na BNCC (2018) sobre a importância do contato dos alunos com obras que permitam o reconhecimento de si e do outro, a valorização da diversidade e multiculturalidade dentro do ambiente escolar. A motivação para isso, passou pela vivência das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Letras Português/licenciatura da UFPE que possibilitou a observação da docência dentro do ensino público básico e das indagações sobre a ausência do trabalho com literaturas outras que não estejam no círculo canônico.

Neste trabalho foi feita uma revisão bibliográfica sobre a literatura LGBTQIA+ e seus desdobramentos, tais como o silenciamento dessas narrativas, o reconhecimento de si e do outro a partir das mesmas e a importância da representatividade dentro de sala de aula, apoiando-se no que coloca a BNCC (2018) sobre a valorização da diversidade e multiculturalidade dentro do ambiente escolar. Além disso, através da análise do romance *Controle*, de Natalia Borges Polesso, foi possível desenvolver uma trajetória empírica que pudesse responder à necessidade de trazer o trabalho com essas obras para dentro das salas de aula.

Diante do exposto, foi possível observar que a literatura LGBTQIA+ possibilita o olhar para o Outro, talvez desconhecido, nos fornecendo laços que aproximam, comprovando, assim, a relevância de estar presente nas salas de aula. Ademais, quando se fala sobre a formação do alunado, é preciso ir além de assimilação de conteúdo. É necessário que a escola tenha como compromisso a formação sócio-política desse estudante, e, a literatura pode ser um caminho para o reconhecimento de si e do outro dentro de uma sociedade.

O percurso que os movimentos LGBTQIA+ traçam dentro da sociedade vai muito além da luta por direitos, como foi colocado anteriormente, pois é preciso que exista espaço para a representatividade e que a comunidade LGBTQIA+ esteja em todos os âmbitos da sociedade, falando sobre suas vivências e sendo respeitadas. A escola é apenas um lugar e pode ser o começo. Assim, o trato com as narrativas LGBTQIA+ dentro desse espaço mostra-se de suma importância.

Além disso, a partir do que foi apresentado sobre a motivação do silenciamento dessas narrativas, entendemos que o ato de ler e pensar narrativas LGBTQIA+ dentro de sala de aula é de grande relevância para o enfrentamento do preconceito e intolerância.

A análise do romance *Controle*, de Natalia Borges Polezzo, mostrou como a alteridade molda o Eu e como ela é importante para a formação do ser humano. É a partir do que a protagonista vive que podemos adentrar em um mundo diferente do nosso e, talvez, sentir as dores e os desejos que Nanda sente. Diante do olhar do Outro, Nanda ressignificou sua vida, pois primeiro, deixava-se influenciar sobre o que era dito sobre ela, e segundo, foi a partir do amor que sentia pela amiga que compreendeu a si mesma. Assim, viveu a vida pelo olhar dos outros até perceber que o desejo por Joana lhe abriria portas para voltar a ter controle sobre sua própria vida.

Portanto, se está sugerindo a leitura de *Controle* em sala de aula porque ao perceber a trajetória da personagem, o alunado vai entender que a sua identidade é construída no contato com os outros, a partir das respostas que os outros dão sobre quem eles são e a partir da formulação de quem eles são que desejam apresentar.

Dessa forma, é possível responder ao questionamento feito sobre o motivo da literatura LGBTQIA+ não ser trabalhada em sala de aula, apontando algumas causas: a desvalorização dessas narrativas, pois numa sociedade heteronormativa e que ainda oprime o diferente, a luta pelo reconhecimento é constante e sem certeza de finitude. Outra causa é a deslegitimação dessa literatura, pois a crítica autorizada segue desconhecendo o teor estético das obras. Entretanto, foi através da análise do romance de Polezzo que foi possível mostrar a inveracidade desse argumento, uma vez que é uma obra que traz duas desconformidades com a sociedade, a epilepsia e a homossexualidade, e durante todo o livro é possível inferir significados e ressignificar acontecimentos de acordo com diferentes perspectivas.

Assim, antes de tudo, é preciso propor uma crítica desconstrutiva das normas sociais vigentes, não sendo possível olhar para a homossexualidade com olhos de quem perpetua a heterossexualidade como regra. Necessário sim, diante de novos saberes, seria pensar novas políticas de conhecimento cultural, reinventando técnicas de investigação, valorizando novas fontes, sujeitos, práticas e narrativas. Porém, isso não é feito rapidamente e a inserção da literatura LGBTQIA+ dentro do ambiente escolar é um caminho para o reconhecimento desses corpos outros, visando a importância da representatividade dentro da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRITZMAN, Deborah P. *O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo*. Tradução de Tomaz T. da Silva. *Educação & Realidade*, Rio Grande do Sul, 21(1), jan/jul de 1996.

BENTO, B. A. M. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. Remate de Males : Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n.º 26, p. 13-71., jul/dez de 2005.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte. Editora da Uerj, Rio de Janeiro, 2012.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*, São Paulo: Cortez, 1990.

GREEN, James N. et al. *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira L. *Os Estudos Queer e a educação no Brasil: articulações, tensões e existências*. Contemporânea. São Paulo, v. 2, nº 2, p. 363-369, jul/dez de 2012.

LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MAAS, Wilma P. M. D. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MALTA, Renata B.; FLEXOR, Carina Luisa O.; COSTA, Aianne Amado N. *Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+*. Estudo de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 61, e6110, 2020.

NEVES, Júlia B. *Movimento e estagnação em Controle, de Natalia Borges Polesso*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 61, e612, 2020.

POLESSO, Natalia B. *Controle*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

POLESSO, Natalia B. *Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 61, e611, 2020.

VASCONCELLOS, Lícia Maria Vieira; CAETANO, Vitor Nunes. *Diálogo entre representação social e identidade: considerações iniciais*. IX Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea: desafios e propostas A Escola e seus sentidos. UERJ, Rio de Janeiro, 2014.